

SE 2/20

Henrique Pongetti apresenta
O SHOW DA CIDADE

UM FILME DO CINEMA NÔVO

NUNCA tinha visto nada feito por Glauber Rocha no cinema. Li o seu livro escrito sobre o cinema brasileiro. **DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL** me pilhou vazio de antecipações. Sim, tomara conhecimento das críticas européias, mas com as reservas devidas. Os festivais cinematográficos de Cannes e de Veneza são uma conspiração comercial onde nunca se sabe se os que menos gostam são os que mais elogiam, e se os que detestam são os que pedem para o filme detestado o prêmio maior. De uma briga entre os partidários de um diretor francês e os de um diretor italiano saiu a Palma de Ouro para **O PAGADOR DE PROMESSAS**.

QUE era um filme respeitável, mas que poderia também ter sido mau. O negócio era não ferir a vaidade dos dois colossos, abrindo uma fenda na mais fecunda co-produção do Mercado Comum Europeu — França-Itália. Desapertaram para o lado do cinema calouro e inofensivo de país neutro. Isso não quer dizer que dentro da cinematografia indígena o filme tirado por Anselmo Duarte do drama de Dias Gomes não tenha sido mais passos à frente dos passos dados por Lima Barreto com **O CANGACEIRO**. Festival é festival. Ninguém chore ali por não haver vencido, nem perca a cabeça debaixo da coroa de louros. Acredito piamente que aos guardachuvas de Cherbourg o júri haja intimamente preferido aquela sombrinha negra debaixo da qual se abriga, do sol esfogueado de Canudos, a personagem quase muda vivida por Ioná Magalhães.

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL atinge uma altitude jamais sonhada no cinema indígena. Eu o coloquei logo ao lado do **ELECTRA**, de Cacoyannis, pela força dos seus símbolos e pela atmosfera em que o destino joga seu invisível e monstruoso papel. O homem que antes carrega sua cruz de pedra, sobe seu Calvário ao lado do Beato e depois vai alistar-se no bando de Corisco e recebe o apelido de guerra de Satanás, supera em gran-

deza qualquer dos personagens transpostos para a tela pelo diretor grego. É uma das máscaras mais bem dirigidas que eu vi até hoje no cinema em que, sem palavras, o ator tem de dizer tudo com a fisionomia. E o cego? Eu tive ocasião de observar no Nordeste, onde o Sol apaga olhos aos milhares quando falha o tracoma, inúmeros cegos, mendigos violeiros ou contadores de histórias sem música. São diferentes dos de qualquer outra região. Estão murados nos silêncios e na esterilidade das caatingas, parecem guardar mais coisas imaginadas, fantasiadas, debaixo das pálpebras. Na sua boca um monossílabo é terrível como uma sentença. Quando são guiados, parecem deixar na terra as marcas de um rumo diverso do que segue o seu guia.

NÃO vou catar piolhos numa grande obra, mas me parece que o jovem diretor é mais poderoso nas cenas mais estáticas: onde não teme confiar a uma cabeça em "close up" todo o peso dramático de um monólogo. Nas cenas de ação rápida a câmara não acompanha o desdobramento visual querido pelo espectador habituado à sintaxe de outras cinematografias. Há hiatos, ligações bruceas. E embora me tenha agradado muitíssimo o personagem de Antônio das Mortes, eu não pude deixar de sentir, no seu modo arbitrário de vestir-se, e na sua conduta, a influência do herói exótico de **IOJIMBO** e de **SANJURO**. É o samurai mercenário tal como o vimos a vagar e a matar nos feudos nipônicos, e a própria cena da conversa de costas, apanhada entre os troncos de escora da velha casa em ruínas, é a reminiscência visual de uma seqüência guardada também em minha memória.

MAS o filme é uma inequívoca demonstração de genialidade, e, se nos fixamos na idade em que Glauber Rocha fez cinema de tamanho conteúdo e de tão ambiciosa mensagem, temos de pedir ao Estado que lhe dê os meios de fazer cinema para o Brasil, o cinema que lá fora já se exige do Brasil como jovem potência cinematográfica.

GR-DE. 02/020